

# Cotidianos, escolas e patrimônio

Percepções  
antropourbanísticas  
da capital do Brasil

Cristina Patriota de Moura  
Elane Ribeiro Peixoto  
Maria Fernanda Derntl  
(organizadoras)

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Fernando César Lima Leite  
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende  
: Carlos José Souza de Alvarenga  
: Estevão Chaves de Rezende Martins  
: Flávia Millena Biroli Tokarski  
: Jorge Madeira Nogueira  
: Maria Lidia Bueno Fernandes  
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos  
: Sely Maria de Souza Costa  
: Verônica Moreira Amado

EDITORA



UnB

# Cotidianos, escolas e patrimônio

Percepções  
antropourbanísticas  
da capital do Brasil

Cristina Patriota de Moura  
Elane Ribeiro Peixoto  
Maria Fernanda Derntl  
(organizadoras)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe editorial**  
: Luciana Lins Camello Galvão  
: **Coordenação de produção editorial** : Angela Gasperin Martinazzo  
: **Preparação e revisão** : Wladimir de Andrade Oliveira  
: **Projeto gráfico** : Haroldo Brito  
: **Diagramação**  
: © 2020 Editora Universidade de Brasília  
: Direitos exclusivos para esta edição:  
: Editora Universidade de Brasília  
: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
: Telefone: (61) 3035-4200  
: Site: www.editora.unb.br  
: E-mail: contatoeditora@unb.br  
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
: desta publicação poderá ser armazenada ou  
: reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
: por escrito da Editora.  
: Esta obra foi publicada com recursos provenientes do  
: Edital DPI/DPG nº 3/2019.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

---

C844 Cotidianos, escolas e patrimônio : percepções antropourbanísticas da capital do Brasil / Cristina Patriota de Moura, Elane Ribeiro Peixoto, Maria Fernanda Derntl (organizadoras). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.  
204 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-010-7

1. Distrito Federal (Brasil). 2. Espaços públicos. 3. Cotidianos escolares. 4. Patrimônio cultural. I. Moura, Cristina Patriota de (org.). II. Peixoto, Elane Ribeiro (org.). III. Derntl, Maria Fernanda (org.). IV. Série.

CDU 39:72(817.4)


---



# Créditos e agradecimentos

Apresentamos, neste livro, os primeiros resultados de pesquisa desenvolvida por membros de dois laboratórios de pesquisa da Universidade de Brasília (UnB) – o Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe) e o Laviver (Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida), respectivamente vinculados à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e ao Departamento de Antropologia da UnB. O Labeurbe e o Laviver estabeleceram essa colaboração visando compreender os cotidianos de moradores de diferentes regiões administrativas do Distrito Federal e os significados desses cotidianos para a configuração metropolitana da capital federal.

Para a realização da pesquisa, contamos com o financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) para o projeto intitulado “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas da capital do Brasil”, agraciado por meio do Edital nº 3/2016. Também obtivemos o apoio da Capes por meio do Edital Capes-PrInt, que nos possibilitou ampliar o diálogo em colaboração com o pesquisador Alan Mabin, da Universidade de Witswatersrand, África do Sul, e discutir parte dos resultados em evento da Red Internacional de Etnografía con Niños e Niñas (RIENN) na Western Oregon University, em maio de 2019. Agradecemos também ao CNPq, que possibilitou a realização



de parcelas significativas da pesquisa por meio de bolsas de mestrado e doutorado concedidas a autores de capítulos do livro.

Somos gratas a colegas que participaram da elaboração do projeto inicial, em especial a Antonádia Borges, e a todas as estudantes que, apesar de não constarem como autoras de capítulos deste livro, contribuíram com a pesquisa em diferentes momentos: Stéfane Cryslaine Alves Guimarães, Raíssa Menezes de Oliveira, Joyce Helen Neves da Silva e Carolina Holanda Castor.

Também agradecemos especialmente à direção, coordenação, professores, estudantes, funcionários, pais e mães das “comunidades escolares” dos Centros de Ensino Fundamental CEF 19, em Ceilândia, e CEF 02, no Plano Piloto, com quem esperamos continuar colaborando para possibilitar maior integração entre as escolas, suas vizinhanças, as áreas reconhecidas como patrimônio material e a metrópole em que se transformou a capital do Brasil.

*Cristina Patriota de Moura*

*Elane Ribeiro Peixoto*

*Maria Fernanda Derntl*

# Sumário

## Introdução

### **Cotidianos, escolas e patrimônio: percursos de pesquisa 9**

Cristina Patriota de Moura

Elane Ribeiro Peixoto

Maria Fernanda Derntl

## Capítulo 1

### **História, memória e patrimônio de Brasília: escolas em unidades de vizinhança 27**

Maria Fernanda Derntl

1.1 Unidades de vizinhança: trajetórias de um conceito **28**

1.2 Plano Piloto e Plano Escolar: vínculos e articulações **33**

1.3 Outros planos: do núcleo traçado por Lucio Costa às propostas de organização do território **37**

1.4 Os planos urbanísticos para as cidades-satélites: a unidade de vizinhança reformulada **40**

1.5 História e memória entrelaçadas: dos discursos fundadores aos depoimentos de moradores de cidades-satélites **44**

## Capítulo 2

### **A Unidade de Vizinhança nº 1 e as escalas relevantes do patrimônio 59**

Cristina Patriota de Moura

Vinicius Prado Januzzi

2.1 Um relato de campo **60**

2.2 As múltiplas escalas da cidade **62**

2.3 Considerações finais **82**

### Capítulo 3

#### **Espaços públicos e vida cotidiana na Unidade de Vizinhança nº 1 87**

Vinicius Prado Januzzi  
Alexandre Jackson Chan Vianna

- 3.1 Introdução **88**
- 3.2 O cotidiano da Unidade de Vizinhança nº 1 **89**
- 3.3 Trânsitos na Unidade de Vizinhança nº 1 **105**
- 3.4 Considerações finais **110**

### Capítulo 4

#### **Arte e cidade em escolas de ensino fundamental 117**

Elane Ribeiro Peixoto  
Julia Mazutti Bastian Solé

- 4.1 O portão aberto **117**
- 4.2 O CEF 19 **120**
- 4.3 A turma da Vânia **124**
- 4.4 Alberto Caeiro a nos guiar **127**
- 4.5 A minha cidade é mesmo bonita **144**

### Capítulo 5

#### **Transformações morfológicas de Ceilândia 153**

Elane Ribeiro Peixoto  
Alana Silva Waldvogel

- 5.1 Ceilândia no tempo **159**
- 5.2 O plano da cidade e suas primeiras ocupações **161**
- 5.3 As casas da Shis **170**
- 5.4 Considerações sobre as transformações morfológicas de Ceilândia **174**
- 5.5 Ceilândia no âmbito de uma discussão patrimonial **181**

### Capítulo 6

#### **Nexos e horizontes da pesquisa 187**

Cristina Patriota de Moura  
Elane Ribeiro Peixoto  
Maria Fernanda Derntl

#### **Sobre as autoras e os autores 199**






Introdução

# Cotidianos, escolas e patrimônio: percursos de pesquisa

Cristina Patriota de Moura  
Elane Ribeiro Peixoto  
Maria Fernanda Derntl

Como é viver em uma cidade considerada patrimônio cultural da humanidade por seu traçado urbanístico? Que vínculos afetivos podem produzir patrimônios para além daqueles aos quais profissionais atribuem valor estético digno de conservação? Como comunidades escolares se relacionam com suas vizinhanças e produzem cotidianos urbanos em diferentes escalas?

O livro que aqui apresentamos procura fornecer pistas para responder a essas perguntas, em diálogo com sujeitos em formação que



se movimentam diariamente pela Área Metropolitana de Brasília (AMB). Os percursos cotidianos pela metrópole são realizados em diversas direções pelos seus cidadãos, que *fazem a cidade* (AGIER, 2011) ao se locomoverem por ela. São moradores de diversas Regiões Administrativas (RA) que têm como epicentro a cidade modernista tombada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), mas que, em grande medida, se identificam como provenientes de diferentes cidades dentro do Distrito Federal, mesmo que essas não tenham *status* de municípios autônomos, como as cidades de Goiás às margens do DF.

As percepções que trazemos são fruto de três anos de trabalho colaborativo entre professoras e estudantes do Departamento de Antropologia e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), com a participação de um professor da Faculdade de Educação Física. A colaboração entre dois laboratórios vinculados aos programas de pós-graduação em Antropologia Social e em Arquitetura e Urbanismo, o Laviver e o Labeurbe, proporcionou à equipe de pesquisa formular percepções acerca da capital do Brasil. Brasília é aqui compreendida ora como obra do planejamento urbanístico modernista (que concebeu um Plano Piloto e “cidades satélites” com projetos próprios), ora como cidade-capital que, coincidindo com o Distrito Federal, não pode ser dividida em municípios, ora como AMB, conforme critério adotado contemporaneamente por agências de planejamento, como a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). Do encontro entre nossos olhares e formações acadêmicas é que surgem as *percepções antropológicas*, termo que concebemos para caracterizar esse produto de nosso encontro.

Almejamos, com as trocas iniciadas por meio dessa parceria, alcançar nossos temas de pesquisa de forma mais abrangente, articulando o espaço construído ao espaço vivenciado pelos sujeitos em suas vidas cotidianas, cujas relações configuram a composição urbana singular de Brasília em seu sentido mais amplo. Concorrendo para essa intenção, os capítulos deste livro combinam abordagens da antropologia urbana e do urbanismo sob diversas perspectivas, com foco tanto no tempo

presente quanto nos desdobramentos das transformações ocorridas na breve história urbana de Brasília. A capilaridade entre esses saberes há muito é reconhecida, fecundando estudos como os de arquitetura vernacular, modos de habitar a casa e a cidade e bens culturais, para lembrarmos as tangências mais recorrentes.

Os movimentos entre o Plano Piloto e as diferentes regiões administrativas do DF ou municípios limítrofes de Goiás (e vice-versa), assim como o estudo de localidades que concentram e servem de âncora a atividades e práticas específicas, foram opções metodológicas feitas para que pudéssemos analisar certas dinâmicas que perfazem a vida em escala metropolitana, envolvendo os fluxos, os trânsitos e os pontos de atração desses movimentos. Guiados por esse entendimento, decidimos tomar duas escolas de ensino fundamental como *lugares-âncora* de nossa pesquisa. As escolas articulam grupos sociais variados: são professores, funcionários, pais e estudantes a estabelecer os mais diferentes vínculos com a metrópole. Na chamada comunidade escolar, o deslocar-se da casa para a escola envolve modalidades distintas de movimentos, compreendendo o caminhar por alguns minutos, o uso de transporte público durante longos ou curtos períodos de tempo ou, ainda, o uso dos carros particulares, que cruzam o espaço urbano a velocidades que muitas vezes excedem o limite máximo estabelecido de 80 quilômetros por hora. Cada uma dessas modalidades de movimento resulta em tempos e relações espaciais desiguais com a cidade. Andar de casa para a escola ou tomar o ônibus e percorrer mais de uma hora para até ela chegar propiciam relações dessemelhantes com a cidade.

Nossas primeiras atividades de pesquisa, portanto, buscavam evidências que nos auxiliassem a responder às questões formuladas inicialmente: como definir e entender as dinâmicas da Brasília metropolitana? Que vivências são possíveis entre os fluxos e os suportes espaciais de nossas práticas cotidianas? Que relações afetivas e simbólicas construímos com esta cidade?

Duas equipes se formaram para os estudos de campo, que decidimos realizar a partir de colaboração com atividades desenvolvidas em dois Centros de Ensino Fundamental, um na Asa Sul do Plano Piloto

e o outro no Setor Guariroba de Ceilândia. As escolhas justificaram-se por ser o Plano Piloto a referência para o sistema de educação implantado no Distrito Federal e para a definição de uma imagem hegemônica de Brasília, com reverberação decisiva na modulação do espaço, e Ceilândia, por ter um plano urbanístico que se inspira em princípios similares àqueles adotados no plano de Lucio Costa, sendo atualmente a maior cidade da metrópole.<sup>1</sup>

A equipe que se dirigiu à Asa Sul era majoritariamente composta por antropólogos, porquanto os estudos urbanísticos sobre o Plano Piloto já são abundantes e, sendo a área de principal interesse – a Unidade de Vizinhança nº 1 – um conjunto com tombamento específico, há poucas transformações morfológicas a serem ainda documentadas. Estando a escola da Asa Sul situada em uma das primeiras superquadras de Brasília, vizinha à quadra considerada modelo na implantação do plano urbanístico de Lucio Costa, sua configuração espacial, seus espaços públicos, seus blocos residenciais, seu comércio vicinal e seus equipamentos coletivos estão presentes em muitos estudos técnicos e acadêmicos no campo do urbanismo (GOROVITZ; FERREIRA, 2009; RIBEIRO; PERPÉTUO, 2016), demandando mais investigações no âmbito do vivido. Lembramos ainda que o reconhecimento do Plano Piloto como patrimônio cultural da humanidade demanda, como política de preservação e conservação, uma espécie de congelamento da forma da cidade.<sup>2</sup> À parte os grandes projetos de estruturas ou novos bairros surgidos por concessões legais, interessam-nos aqui mudanças mais sutis: constituem-se por alterações

<sup>1</sup> Apesar de Ceilândia não ser a sede de um município, o que a definiria como cidade no sentido estritamente legal, grande parte de seus moradores se referem a ela como “minha cidade”, distinguindo-se dos brasilienses identificados com a classe média moradora do Plano Piloto. O termo cidade-satélite, utilizado nos primeiros anos de Brasília, foi substituído em documentos por Região Administrativa.

<sup>2</sup> Brasília, ou melhor dizendo, seu Conjunto Urbanístico, é bem tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde o fim dos anos 1980 (Decreto nº 10.829/1987 e Portaria Iphan nº 314/1992). A Unidade de Vizinhança nº 1, por sua vez, embora seja parte do Conjunto, é tombada somente pelo Governo do Distrito Federal (Decreto nº 30.303/2009). Para uma discussão etnográfica dos efeitos múltiplos do tombamento na Unidade de Vizinhança nº 1, ver Vasconcelos (2013).

de usos, por pequenos atos de apropriação do espaço público, como os pilotis, apreensíveis a partir dos olhares próximos permitidos pelo método etnográfico. Excetuando-se acréscimos e intervenções viárias, o desenho urbano do Plano Piloto de Brasília é quase invariável, fazendo da área em que concentramos nossas observações um museu a céu aberto, visitado por turistas como a amostra mais completa da utopia vislumbrada por Lucio Costa (VIANNA *et al.*, 2012). Na Unidade de Vizinhança nº 1 e em suas proximidades, a paisagem urbana altera-se não em volumetria, mas nas superfícies do construído, como no caso de modernizações de fachada, designadas pelo esdrúxulo termo *retrofit*, ou ao *graffitti* que se renova nas fachadas ao longo da Avenida W3.

A equipe que se dirigiu à escola na Guariroba foi integrada por arquitetas e uma mestranda em Antropologia. Ceilândia, ao contrário do Plano Piloto, sofreu muitas alterações em sua forma construída desde sua primeira ocupação. Foram expansões com a criação de novos bairros (setores), cujo desenho urbano é relativamente diferente do plano inicial da cidade, embora tenha havido a manutenção de seu módulo espacial – a Unidade de Vizinhança. Essas expansões compreenderam também a alteração do centro inicial, com a ocupação da sua estrutura fundiária, à medida que os moradores construíram mais de uma casa em seus terrenos para abrigar familiares ou comércios e prestações de serviço. Em consequência de substituições, ampliações e novas construções, as tipologias arquitetônicas se diversificaram, rompendo com aquelas definidas pelos padrões das primeiras casas. A densidade edilícia e populacional e a paisagem da cidade guardam referências tênues com a Ceilândia dos anos 1970, razão pela qual a inscrição das formas de viver no espaço necessitava de um escrutínio detido, que não consideramos necessário no caso do Plano Piloto.

As diferenças de abordagem das duas equipes nas duas localidades não impediram a percolação produtiva entre a Arquitetura e a Antropologia. Não obstante as diferentes formações acadêmicas, os trabalhos de campo foram objeto de proveitosas discussões e a complementariedade surgiu nos debates, direcionando trajetórias, refinando visões e aguçando percepções. A inserção de cada equipe em sua

respectiva escola, que possibilitou a constituição de diferentes dimensões locais da pesquisa, se deu de forma díspar pela singularidade de cada contexto. Partimos, porém, de uma primeira condição compartilhada. Constatamos a necessidade de escolher escolas que atendessem uma faixa etária de estudantes com relativa autonomia para se movimentarem pela cidade, o que era indispensável para o nosso propósito. Por isso, voltamos nossos interesses para os anos finais do ensino fundamental. Ambas as escolas funcionam em regime de tempo integral, uma abrigando turmas de sexto e sétimo anos, outra oferecendo também turmas de oitavo e nono anos. Apesar de os estudantes de Ceilândia serem mais velhos, os do Plano Piloto atravessavam diariamente distâncias muito maiores, muitas vezes desacompanhados de adultos e utilizando transporte público.

A escola do Plano Piloto foi eleita por relações precedentes, construídas por um membro da equipe de pesquisa, também decorrentes de investimentos de pesquisa sobre outros aspectos da Unidade de Vizinhança nº 1 de Brasília. No caso de Ceilândia, mapeamos as escolas da cidade e a relação mantida com os meios de transporte, além de consultarmos a Secretaria Regional de Educação. Com as informações obtidas, conseguimos elaborar um quadro geral dessas escolas, incluindo os locais em que nossa inserção seria mais difícil em função de problemas ligados à violência. Além desse quadro geral, o acaso também atuou na escolha. Quando, em uma visita ao centro de Ceilândia, nos deparamos com uma escola que nos permitiu entrar e conhecê-la, ali decidimos fixar nossas bases de trabalho.

A visita à Regional de Ceilândia nos esclareceu sobre os procedimentos de matrículas e disponibilidade de vagas em cada escola da cidade. As vagas eram destinadas e organizadas segundo os códigos postais dos moradores vizinhos a cada instituição de ensino, de tal forma que os estudantes se movessem em uma faixa caminhável para a escola. Como era de se esperar, a escola situada no Plano Piloto não obedecia à mesma lógica, pois a maioria de seus estudantes eram oriundos de outras Regiões Administrativas do DF e municípios goianos do chamado “entorno”. As situações desconformes dos estudantes consentiram

visualizar duas ordens de movimentos pela Brasília metropolitana, dadas a ver em mapas elaborados por georreferenciamento e construídos a partir dos códigos postais das residências dos estudantes. Como veremos, essas diferentes ordens de movimentos têm implicações no cotidiano das duas escolas e nos espaços públicos das vizinhanças em que estão localizadas.

Na prática, a integração das equipes de trabalho nas escolas-âncora da pesquisa se deu, em ambos os casos, por meio da disciplina curricular de Artes. A colaboração consolidou-se com base no tema “cidade e seu patrimônio cultural”, a partir do qual foram organizadas oficinas para que pudéssemos discutir com os participantes suas percepções da cidade. Como narrado nos capítulos 2 e 4 deste livro, o tema do patrimônio se estabeleceu como importante motivador na articulação das experiências de pesquisa e na colaboração entre as equipes da UnB e as professoras das escolas interessadas em contribuir com a pesquisa “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas da capital do Brasil”. O projeto de pesquisa foi apresentado na semana de planejamento para o início do ano letivo de 2018 a todo o corpo docente, mas foram as professoras de Arte e, no caso da Asa Sul, também a de Letramento, que se interessaram em trabalhar com seus alunos temas que os fizessem refletir acerca do espaço urbano e de seus percursos cotidianos.

Durante as oficinas realizadas em ambas as escolas, buscou-se, na medida do possível, apresentar alguns conceitos do urbanismo modernista e suas repercussões patrimoniais, por meio da construção de maquetes e organização de passeios e visitas aos bens culturais do Plano Piloto e de Ceilândia. Os passeios foram os programas mais apreciados pelos estudantes de ambas as escolas, sempre acolhidos com entusiasmo e como aventura para alguns, pois significaram oportunidades raras de percorrer a cidade e libertar-se da rotina escolar. A elaboração de diários sobre os deslocamentos de casa para a escola, assim como a produção de textos sobre as moradias, nos deram, no caso de Ceilândia, pistas acerca dos estilos de vida e de organização doméstica/familiar dos estudantes. No caso da escola da Asa Sul, desenhos e fotografias foram mais eficazes na produção de narrativas que possibilitassem alcançar percepções dos

meninos e meninas.<sup>3</sup> Enfim, as oficinas e os passeios foram momentos privilegiados para a observação de como os estudantes se relacionavam com o espaço construído da cidade, ampliando também as percepções de diferentes membros da equipe, que escreveram sobre suas próprias experiências de trânsito pela cidade em diferentes momentos de suas trajetórias como estudantes, em exercícios autoetnográficos compartilhados e discutidos. Dessa forma, olhares urbanísticos e antropológicos foram sendo divididos pelas diferentes participantes da pesquisa, que apresentaram trabalhos preliminares em dois seminários realizados na Universidade de Brasília, em 2018 e 2019.

O trabalho que apresentamos neste livro é, portanto, uma síntese ainda parcial da pesquisa mais ampla em andamento. O tema do patrimônio nos permitiu compartilhar interesses com as atividades didáticas realizadas nas escolas e também refletir acerca de nossas questões iniciais de pesquisa. Ainda não nos foi possível chegar a conclusões mais gerais acerca das dinâmicas metropolitanas na capital do Brasil, mas os cotidianos de membros das comunidades escolares já nos permitem vislumbrar importantes questões relacionadas às transformações vividas em diferentes escalas da vida urbana nesta capital transformada em metrópole. A aposta no olhar para os cotidianos que perfazem as táticas diárias de sujeitos que percorrem a metrópole, em diálogo com a abordagem de Michel de Certeau (2012), percorre o livro como referência compartilhada por antropólogos e arquitetas.

O que até o momento fizemos ilustra um percurso com métodos e abordagens provenientes dos campos da Antropologia e do Urbanismo, porém permitindo-lhes porosidades e contaminações que avaliamos como necessárias e enriquecedoras. O tema do patrimônio nos concedeu estabelecer colaborações com as escolas por ser uma preocupação didática que relaciona os estudantes à cidade de Brasília. Não obstante, a questão patrimonial tem sido um tema caro tanto para arquitetos e

---

<sup>3</sup> Foi realizada uma exposição com fotografias e desenhos dos estudantes no Instituto de Ciências Sociais da UnB, intitulada Esca(o)las da Cidade e Trânsitos Cotidianos, que os estudantes puderam visitar em novembro de 2018.



urbanistas quanto para antropólogos, como atestam publicações chanceladas pela Associação Brasileira de Antropologia (TAMASO; LIMA FILHO, 2012; URIARTE; MACIEL, 2016).

No caso de Brasília, relacionar a escala metropolitana à questão patrimonial também tem sido relevante em razão do próprio tombamento do conjunto urbanístico (SINOTI, 2005) e das pressões de ordem política e econômica exercidas ao longo do processo de urbanização do Distrito Federal como um todo (PAVIANI *et al.*, 2010). O projeto de Lucio Costa e o reconhecimento por parte da Unesco enfocam as escalas urbanísticas propostas pelo urbanista: monumental, gregária, residencial e bucólica. Essas escalas, que aqui chamamos de *escalas qualitativas* (capítulo 2), se relacionam com as *escalas quantitativas* dimensionáveis por métricas de distâncias, tamanhos e densidade populacional. Nesse segundo sentido, a metrópole se contrapõe à vizinhança, que também figura como recorte central deste livro. Para além da questão patrimonial, o conceito de unidade de vizinhança, com suas diferentes acepções, se revelou como interessante articulador das realidades encontradas nos dois locais em que investimos nossos esforços de pesquisa.

O capítulo de abertura, “História, memória e patrimônio de Brasília: escolas em unidades de vizinhança”, recupera o conceito de Unidade de Vizinhança, formulado desde o século XIX e acurado por Clarence Perry na década de 1920, para afirmar a proposta de Lucio Costa como interpretação desse conceito. Enfatiza-se a importância do plano urbanístico e do plano educacional formulado por Anísio Teixeira para a nova capital federal. A sobreposição desses dois planos sublinha o papel das escolas na organização do espaço e no dimensionamento dos grupos sociais. A recuperação histórica e as análises efetuadas expandem-se para além do Plano Piloto para abranger a organização do território do Distrito Federal, primeiramente com o ordenamento de áreas de produção agrícola, visando à manutenção dos trabalhadores que viriam construir a nova capital e, depois, com a criação das cidades-satélites para abrigá-los. Dessa forma, a escala de planejamento regional da nova capital compreendia núcleos urbanos limitados e separados por áreas

agrícolas, em sincronia com os conceitos de cidade-jardim e cidade-regional. O espaço vivido é, nesse capítulo inaugural, introduzido pelo testemunho dos primeiros moradores de Ceilândia, tensionando a historiografia da capital, que lhe atribuiu pouca atenção ou suavizou os conflitos presentes em suas origens, sugerindo que resultaram de esforços coletivos somados à epopeia da construção de Brasília.

O capítulo seguinte, “A Unidade de Vizinhança nº 1 e as escalas relevantes do patrimônio”, tem por inspiração as atividades desenvolvidas junto à escola situada na Asa Sul, em oficinas realizadas em parceria com as professoras Clara Rosa Gomes, de Artes, e Janaína Coutinho, de Letramento. A abordagem inicia-se com um exercício autoetnográfico de uma das autoras, cujo propósito é contrastar as experiências vividas por moradores e estudantes que mantêm diferentes relações com o lugar. Por meio desse texto, é possível cotejar o cotidiano de uma moradora do Plano Piloto e de seus filhos, cujos movimentos diários são concentrados nessa parte da cidade, e o de estudantes das escolas públicas que dão vida e movimento diurno aos espaços da superquadra, mas que demonstram poucos vínculos afetivos que indiquem percepções de pertencimento à localidade, o que é reforçado por atitudes de moradores no sentido de disciplinar os usos e passagens possíveis pelo espaço público, como indicado no capítulo subsequente.

Entre as oficinas realizadas, a elaboração de uma maquete da quadra 308 sul é relevante e se destaca no âmbito do capítulo. A proposta de construir a maquete, feita pelas professoras da escola, tinha por propósito valorizar a arquitetura e urbanismo de Brasília enquanto patrimônio da humanidade. Interessava ensinar o valor do patrimônio histórico e artístico da superquadra e das construções do Plano Piloto. Para a construção da maquete, as professoras propuseram passeios exploratórios pela 308 sul, com o intuito de oferecer aos alunos noções de escala e valores estéticos nos quais pudessem se apoiar para a manufatura desse objeto. Já aos pesquisadores interessava mais observar como esses espaços eram percebidos e explorados pelos estudantes. Os autores também observam que os longos trajetos casa-escola-casa existem enquanto distância marcada pelo tempo de transcurso, sinalizando uma concepção tática (CERTEAU, 2012) de um espaço do qual os estudantes não

se apropriam, mas que percorrem e concebem por meio de seus corpos e experiências no tempo. A vizinhança como local de moradia e saturação de relações sociais é desconhecida desses estudantes, assim como eles são, de certa forma, ignorados por aqueles que a têm como “própria”. O foco nas táticas se conjuga, na análise, a considerações teóricas acerca de operações de dimensionamentos e representações de totalidade, em diálogo com a obra de Bruno Latour e Emilie Hermant sobre a cidade de Paris (LATOURE; HERMANT, 1998).

Poderiam os espaços ao redor da escola propiciar maiores conexões entre os segmentos sociais que circulam pelas localidades? Essa questão é discutida no capítulo 3, “Espaços públicos e vida cotidiana na Unidade de Vizinhança nº 1”, elaborado a partir da etnografia dos espaços públicos. Foram feitas observações em dias e horários diferentes, abarcando os dias de trabalho e os de descanso. A observação circunscreveu os pontos espaciais da Unidade de Vizinhança nº 1: a Praça Marcelino, os pilotis, a quadra de esportes, o Ponto de Encontro Comunitário (PEC), as calçadas e caminhos abertos sobre o gramado. Os autores, um doutorando em Antropologia e outro docente e doutor na área de Educação Física, procuraram compreender as sociabilidades neles estabelecidas, em diálogo com a perspectiva de Pétonnet (2008) acerca da observação flutuante: o olhar do(a) pesquisador(a) está menos centrado em determinado objeto e mais direcionado para a condução à ação e ao encontro, levados pelos atores em suas vidas cotidianas.

Distinguem-se diferentes praticantes dos espaços públicos da Unidade de Vizinhança nº 1: há as pessoas que chegam cedo, vindas em ônibus ou metrô, e que são os trabalhadores do lugar – comerciantes, empregadas domésticas, babás; somam-se a eles o movimento dos jovens que se dirigem às escolas, com ou sem pais ou mães a acompanhá-los; um terceiro grupo, constituído por moradores das proximidades, alterna com os anteriores a ocupação dos espaços públicos. Há ainda os não humanos, conduzidos, em geral, por um morador ou empregada doméstica – são os animais de estimação dos moradores locais. Há práticas variadas ao longo do dia e das horas, e a concomitância dos grupos, senão inexistente, é rara. Há uma dinâmica de substituição de grupos,

minando o ideal de comunidade que funda o conceito de Unidade de Vizinhança nos termos de Perry. Os autores concluem que as sociabilidades estabelecidas na Unidade de Vizinhança nº 1 não podem ser entendidas sem considerar os fluxos das pessoas e suas trajetórias pelo espaço metropolitano da capital federal, em especial no Plano Piloto.

O quarto capítulo, “Arte e cidade em escolas do Ensino Fundamental”, mostra, por outro lado, que a Unidade de Vizinhança ainda é um conceito válido e relevante como unidade de análise no caso estudado do Centro de Ensino Fundamental 19 (CEF 19) em Ceilândia. O relato apresentado concerne ao trabalho conduzido durante o ano letivo de 2018 nessa escola. A equipe pôde perceber elos afetivos importantes entre uma comunidade local e seu espaço, expressos, por exemplo, no investimento de professores, estudantes e funcionários para tornar a escola um lugar agradável, traduzido nos arranjos de mobiliário com paletes,<sup>4</sup> nas pinturas de parede e na limpeza das salas, banheiros e copa. A maior parte dos estudantes vivem vizinhos à escola e muitos dos professores foram, eles próprios, estudantes no CEF 19.

Durante o ano de inserção da equipe de pesquisa na escola, com a parceria da professora Vânia Romão, foram organizadas várias oficinas e passeios, tendo-se o cuidado de eleger como ponto de partida a própria Ceilândia, no intuito de inverter a tradicional hierarquia Plano Piloto-cidades-satélites. As oficinas compreenderam atividades manuais como a construção de um mapa-maquete da cidade, diários dedicados ao relato do percurso casa-escola-casa e leporellos<sup>5</sup> para os registros e memórias dos lugares visitados. A dinâmica das oficinas foi definida a partir dos conteúdos de história urbana de que queríamos tratar, com ênfase no debate sobre o patrimônio cultural. Foram organizadas aulas

---

<sup>4</sup> Paletes: estrados de madeira empregados em depósitos e armazéns para a estocagem de produtos de natureza distinta. Como são ripados, permitem a circulação de ar entre as peças. Ao serem reciclados, são usados para a confecção de móveis, peças para jardins, entre outras.

<sup>5</sup> Leporello: tipo de encadernação feita a partir de uma tira longa de papel dobrada como um acordeom, ou seja, como um fole.

preparatórias para a exploração da cidade e o grupo só partia para os passeios com esses conteúdos prévios trabalhados.

Entre os achados dessa etapa da pesquisa, o desconhecimento da história de Brasília por parte dos estudantes foi o primeiro aspecto a ser notado, embora os professores de Geografia e História houvessem tratado do tema previamente. Em consequência desse desconhecimento, no caso de Ceilândia, o principal marco histórico da cidade, a Caixa d'Água, não é parte do rol dos lugares de interesse desses jovens. Eles não são fãs de *rap*, gênero musical que a primeira geração nascida na cidade escolheu como expressão dos conflitos característicos entre Plano Piloto-Ceilândia – mas gostam de ir à feira, atraídos pelas roupas e pelas comidas.

A equipe buscou chamar a atenção para a cidade, entendida como um mosaico tanto de grupos sociais como de espaços urbanos, e incentivar a percepção da materialidade urbana, com a observação de ruas, praças, edifícios e arte urbana. Intencionamos apreender Ceilândia como espaço vivido pelos estudantes do CEF 19, em uma parte da pesquisa ainda não apresentada no escopo deste livro, estando prevista para a segunda síntese da pesquisa mais ampla do projeto “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas da capital do Brasil”; portanto, essa é uma abordagem prometida aos nossos leitores.

Tendo cumprido nosso programa em Ceilândia, rumamos com os estudantes do CEF 19 para o Plano Piloto em duas ocasiões. Como instituímos oficinas e aulas preparatórias para nossas excursões, investimos algumas aulas na explicação da história e dos fundamentos da organização do Plano Piloto, estabelecendo seus paralelos com Ceilândia no que diz respeito à sua concepção urbanística. Apresentamos a Unidade de Vizinhança nº 1, os edifícios ícones da capital federal, escolhendo para visitação o Palácio do Itamaraty e, por fim, o Campus Darcy Ribeiro, que inspirou nos estudantes desejos de concluir ali sua formação.

Essa experiência com os alunos de Ceilândia indicou que as gerações mais jovens desconhecem a trajetória de quem os antecedeu e com quem ainda convivem, pois muitos deles têm elos de parentesco com os construtores da cidade. Os símbolos que ancoram as narrativas dos pioneiros não cumprem o papel de ativar as memórias sociais do lugar,

e esse esquecimento tende a distanciar os jovens das lutas políticas de pais e avós. Mais do que nunca, constatamos a importância de tomar a cidade como um tema a ser discutido e problematizado no âmbito da escola. Nossa inserção no CEF 19 foi acertada e os portões da escola continuam abertos para os trabalhos futuros de revisão e aprimoramento do intercâmbio universidade-escola.

O quinto capítulo deste livro, “Transformações morfológicas de Ceilândia”, destinou-se a compreender as transformações da forma urbana de Ceilândia. Os estudos de morfologia são consolidados no campo do Urbanismo e da Arquitetura, sendo os aportes teóricos para essa natureza de pesquisa encontrados em duas escolas europeias, a italiana e a inglesa. De forma resumida, o que distingue essas escolas de análise morfológica é seu ponto de partida. No caso da primeira, o estudo tem a casa como a primeira referência para a análise da forma urbana; na segunda, a unidade de interesse é o lote. A tradição dos estudos de morfologia urbana vincula-se às cidades europeias multisseculares. O primeiro desafio desse capítulo foi, portanto, encontrar as ponderações necessárias para realizar estudos morfológicos em Ceilândia, com menos de 50 anos. Buscamos conjugar o estudo da habitação e da ocupação do lote como método mais apropriado para entender as transformações da cidade.

Para tal, foram necessárias elaborações de mapas que se prestassem à visualização da trajetória de expansão urbana de Ceilândia, com o acréscimo de setores e sua conurbação com Taguatinga. Em escala mais aproximada, um mapa de ocupação atual das quadras QNM 17 e QNM 18 foi essencial como amostragem para o entendimento da ordem de mudança no interior dos lotes do setor tradicional da cidade. Esse mapeamento foi construído sobre as bases cartográficas disponibilizadas pela Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (Segeth), a partir das imagens e projeções do Google Earth, atualizando as informações nelas contidas, o que possibilitou a verificação da ocupação dos lotes, inicialmente pensados para habitações unifamiliares. Constatamos, em muitos deles, a existência de mais de uma edificação por lote, fato cotejado ao levantamento feito junto à Companhia de Água

e Esgoto de Brasília (Caesb), evidenciando a existência de mais de uma moradia e nos permitindo estimar a presença de 3,5 famílias por lote.

Ceilândia é uma cidade que se transformou em velocidade surpreendente: suas residências provisórias, construídas em madeira reutilizada, deram lugar a casas de programas de habitação de interesse social e, depois, à demolição destas, as quais foram substituídas por novas construções para abrigar as necessidades dos grupos familiares: ora com a criação de um comércio, ora com moradias para novos grupos de família. As alterações reconhecidas permitem concluir pelo aumento da densidade edilícia da cidade e de sua população. Vê-se como o dinamismo ali é distinto do plano Piloto, cuja paisagem parece imutável. As mudanças na paisagem urbana de Ceilândia são radicais, embora o módulo de estruturação espacial, a Unidade de Vizinhança, tenha sido mantido durante os anos de sua existência, quer nos novos setores, quer na manutenção dos existentes.

Esclarecemos que os estudos morfológicos não se restringem à forma urbana no seu sentido estrito, mas permitem entrever os arranjos e as práticas espaciais daqueles que vivem a cidade. Colaborou, para uma melhor compreensão das mudanças da cidade, o trabalho proposto aos estudantes da escola situada na Guariroba para que descrevessem e desenhassem suas casas. Esses textos e desenhos tornaram-se fontes de confirmação para a inscrição das formas de viver de Ceilândia, somando-se a outros que, do ponto de vista da antropologia, também pensaram relações entre diferentes gerações de ceilandenses (FLEISHER; BATISTA, 2013). Abrem perspectivas para pesquisas futuras, com levantamentos precisos das moradias e relatos de seus moradores, projeto em elaboração, visando a síntese final de nossa pesquisa.

As reflexões dos textos reunidos neste livro são entrecruzadas no capítulo final, que intitulamos “Nexos e horizontes da pesquisa”, a fim de sublinhar seus nexos construídos a partir de três dimensões ou eixos de análise. O primeiro deles denominamos simbólico, pois orientou-se pelo tema do patrimônio cultural em torno do qual a inserção nas escolas foi possível. Sua eleição norteou todas as atividades e oficinas nas escolas-âncora de nossa pesquisa. O segundo eixo, denominado

espacial-local, engloba a Unidade de Vizinhança como espaço de vivência, na qual as escolas estudadas são protagonistas e lócus privilegiado de observação. Por fim, o terceiro eixo, espacial-metropolitano, envolveu os movimentos pela cidade polinucleada de Brasília, com consequências e rebatimentos no cotidiano de quem a vive e, no nosso caso, uma leitura possível a partir de duas comunidades escolares.

O propósito de tornar mais permeáveis, na elaboração desta pesquisa, as fronteiras disciplinares de nossa formação em Arquitetura e Antropologia nos parece, com o resultado apresentado, relativamente bem-sucedido. Contribuíram, para isso, a disposição das equipes em colaborar, movendo-se para além de suas zonas de conforto, e os encontros regulares nos quais os resultados parciais dos trabalhos foram apresentados e debatidos, permitindo ajustes de curso e leituras compartilhadas.

O envolvimento de pesquisadores em vários níveis – professores, alunas de iniciação científica, mestrandas e doutorando – e a colaboração das professoras das escolas pesquisadas deve ser salientada como um ganho importante, pois realiza a função maior da universidade de transpor seus próprios limites. No caso da pesquisa que apresentamos, essa proposição é particularmente sensível, em virtude de aproximar ensino superior e formação escolar fundamental. Para além do entendimento dos movimentos e dos fluxos de pessoas pelo espaço metropolitano de Brasília, tivemos a oportunidade de vislumbrar mais de perto alguns dos desafios da educação fundamental no âmbito de duas escolas públicas.

Vimos, ainda, o acerto em tomar a cidade como tema de debate na educação dos jovens. Campo de disputa, espaço de segregação, suporte de memórias sociais de distintos grupos, criação coletiva, estratos temporais sobrepostos, justaposição de vozes, a cidade é também o lugar da interação, da troca, de construção da vida pública e dos elos de solidariedade. Portanto, nosso convite é o de olhar Brasília conosco, a partir das percepções antropourbanísticas que aqui apresentamos.



## Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.

FLEISCHER, Soraya; BATISTA, Monique. O tempo da falta e o tempo da bonança: experiências de cronicidade na Guariroba, Ceilândia/DF. *Anuário Antropológico 2012/II*, Brasília, p. 195-224, 2013.

GOROVITZ, Matheus; FERREIRA, Marcílio Mendes. *A invenção da superquadra: o conceito de unidade de vizinhança em Brasília*. Brasília: Iphan, 2009.

LATOUR, Bruno; HERMANT, Emilie. *Paris, Ville Invisible*. 1998. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/virtual/index.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.

PAVIANI, Aldo *et al.* *Brasília 50 anos: da capital à metrópole*. Brasília: Editora UnB, 2010.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2. sem. 2008.

RIBEIRO, Sandra Bernardes; PERPÉTUO, Thiago (org.). *Patrimônio em transformação: atualidades e permanências na preservação de bens culturais em Brasília*. Brasília: Iphan, 2016.


SINOTI, Marta L. *Quem me Quer, não me Quer: Brasília, Metrópole-Patrimônio*. São Paulo: Annablume, 2005.

TAMASO, Isabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira (org.). *Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

URIARTE, Urpi Montoya; MACIEL, Maria Eunice (org.). *Patrimônio, cidades e memória social*. Salvador: Edufba; ABA, 2016.

VASCONCELOS, Larissa Fernandes Lins de. *Patrimonialização na Unidade de Vizinhança nº 1*. 2013. 89 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VIANNA, Letícia C. R.; PINTO, F. R. C.; SOUZA, R. M.; ZENUN, M. Sociabilidade, arte e patrimônio cultural em uma utopia urbana. *In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C.; VIANNA, Letícia C. R. (org.). As Artes Populares no Brasil Central: Performance e Patrimônio*. Brasília: Idade da Pedra, 2012.




# Sobre as autoras e os autores

## Alana Silva Waldvogel

<http://lattes.cnpq.br/0494728158202903> – Arquiteta pela Universidade de Brasília (FAU-UnB). Atualmente é mestranda em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, também pela UnB (PPG-FAU). Desde 2016 desenvolve pesquisas sobre a Morfologia Urbana de Ceilândia, tendo obtido Menção Honrosa por trabalho de iniciação científica sobre o crescimento dessa cidade. *E-mail:* [alana\\_waldvogel@hotmail.com](mailto:alana_waldvogel@hotmail.com)

## Alexandre Jackson Chan Vianna

<http://lattes.cnpq.br/9276311740295002> – Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação Física da UnB, membro do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq). Atua na área de Educação Física. Realiza pesquisas na linha dos Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física e do Esporte, com interesse em trajetórias escolares e esportivas, formação e identidades. *E-mail:* [chanvianna@unb.br](mailto:chanvianna@unb.br)



### Cristina Patriota de Moura

<http://lattes.cnpq.br/0712338026370509> – Professora Associada II do Departamento de Antropologia da UnB, líder do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq) e membro do Laviver (Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas). Atua na área de Antropologia Urbana e realiza pesquisas em Brasília e Pequim (China), com foco em vivências no espaço público urbano e trajetórias escolares com desdobramentos transnacionais. *E-mail*: cpatriota@unb.br

### Elane Ribeiro Peixoto

<http://lattes.cnpq.br/1796841203235489> – Professora Associada I da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, vice-líder do grupo de pesquisa Cidades Possíveis (CNPq) e membro do Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe), da UnB. Suas pesquisas concentram-se em temas relacionados à Cidade Contemporânea, envolvendo sua arquitetura, urbanismo e patrimônio. Membro do coletivo Ninhos, atua em projetos de extensão em escolas de ensino fundamental, com o propósito de incluir Brasília, sua história e seus desafios atuais na formação dos estudantes. *E-mail*: elane@unb.br

### Julia Mazutti Bastian Solé

<http://lattes.cnpq.br/1128739135662402> – Mestranda em Patrimônio e Preservação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU) da Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (FAU-UnB). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Museologia e Interdisciplinaridade (Geminter). Colaboradora da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás), gestão 2018-2019. cursou o primeiro ano de Mestrado em História da Arquitetura na Escola de Arquitetura e Paisagem de Lille, no período 2015-2016. Palestrante no TEDx Brasília 016. Pesquisadora, curadora e projetista nas áreas de arquitetura, patrimônio e memória, expografia, curadoria e história da arte. *E-mail*: julia.mazzuttimbs@gmail.com

### Maria Fernanda Derntl

<http://lattes.cnpq.br/5654879697444080> – Professora Associada do Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Universidade Brasília (FAU-UnB). Orientadora nos programas de pós-graduação da FAU e do Departamento de História da UnB. Bolsista produtividade nível 2 do CNPq. Membro do Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe), da UnB, e do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq). É autora do livro *Método e Arte: urbanização e formação de territórios na capitania de São Paulo, 1765-1811* (Alameda/Fapesp, 2013). Desenvolve pesquisas na área de História da Cidade, do Urbanismo e da Urbanização, com ênfase atual em Brasília e suas cidades-satélites. *E-mail:* fernandafau@unb.br

### Vinicius Prado Januzzi

<http://lattes.cnpq.br/9429679094567153> – Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2013). Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela mesma universidade. Trabalha com antropologia urbana, expansão urbana e camadas médias em Brasília. Desde 2019, é antropólogo na Superintendência do Iphan no Distrito Federal. *E-mail:* vpjanuzzi@gmail.com





Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



# Cotidianos, escolas e patrimônio

## Percepções antropourbanísticas da capital do Brasil

O livro *Cotidianos, Escolas e Patrimônio: percepções antropourbanísticas da capital do Brasil* apresenta os resultados da pesquisa “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas na capital do Brasil”, fruto da colaboração entre dois laboratórios de pesquisa da Universidade de Brasília (UnB): o Laboratório de Estudos da Urbe (Labeurbe-PPG-FAU) e o Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida (Laviver-PPGAS-DAN).

A obra reúne capítulos de autoria de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento sobre as relações entre espaços escolares, trajetórias cotidianas e a constituição do patrimônio na capital federal. O patrimônio é tratado como categoria polissêmica, mobilizada por pessoas em contato umas com as outras e com a cidade que produzem, vivem e significam.

Os textos dialogam com diferentes perspectivas para refletir acerca do modo como experiências da capital/metrópole são significadas por seus habitantes, e como a escola, com forte presença na vida urbana, repercute na percepção e na vivência do patrimônio cultural. O material de pesquisa de campo é proveniente de atividades realizadas em colaboração com dois Centros de Ensino Fundamental, um em Ceilândia e outro no Plano Piloto. O conjunto das análises abarcou percepções em diálogo com membros das comunidades escolares, permitindo entrever dinâmicas metropolitanas de forma original, com abordagens ainda pouco exploradas nos estudos disponíveis.

### Foto ao fundo:

Pilares do  
Instituto de  
Biologia/UnB.  
Por Beatriz Ferraz.



EDITORA



UnB

ISBN 978-65-5846-010-7



9 786558 460107